

O TIRO CIVIL

Órgão dos Atiradores Civis e Caçadores Portuguezes
PROPRIETARIOS: — ANSELMO DE SOUZA E PALERMO DE FARIA

Publicações

Anuncios, cada linha, typo commum.	30 réis
Comunicados.	60 »
Reclamos	100 »
Artigos.	200 »

Quinta feira 22 de abril de 1897

Assignaturas

Lisboa, série de 12 numeros.	300 réis
Provincias, séries de 24 numeros.	600 »
Numero avulso.	50 »
Paizes da união postal, 24 numeros.	1.000 »

RESUMO

Santo Huberto, o patrono dos caçadores, por NEMROD. — Duas caçadas feitas por el-rei D. José. — Carreira de tiro. — A fortificação improvisada e o tiro moderno, por MIOUËL GARCIA. — Associação dos Caçadores Portuguezes. — O defezo, por ANSELMO DE SOUZA. — Escola Nacional de Esgrima. — Batida á raposa. — Club dos Caçadores do Porto, por B. DE SÁ. — O que é um Field-Trial, por H. OLAVRAC. — Hydrophobia.

SANTO HUBERTO

O patrono dos caçadores



oi em tempo discutido no *Tiro Civil* se o santo, nosso patrono, é Huberto ou Humberto. Não pretendo levantar novamente a discussão e se lhes escrevo o nome sem *m*, é porque assim o vejo escripto na magnifica obra **A caça em todos os paizes e**

através dos seculos do capitão Robert Campwell, traduzida para hespanhol por D. Luiz de Bustamonte y Rios.

O meu fim, traduzindo da referida obra o esboço biographico do nosso santo, é tornar mais conhecido dos caçadores a vida d'elle.

Santo Huberto pertencia a uma familia illustre pois era filho de Bertrand, duque de Aquitania e de Hugberga, irmã de Santa-Ode, e nasceu em 658.

O joven Huberto recebeu uma educação tão esmerada, quanto o permittia o estado da epocha, mas dominava-o a paixão pela caça e só sonhava, noite e dia, nos prazeres venatorios.

Huberto abandonou a côrte de Neustria e foi reunir-se a Pepino de Heristal, acerrimo caçador, que dedicou logo a Huberto tal afeição que o nomeou mordomomór do seu palacio.

Desde então poudo Huberto entregar-se com frenesi á sua paixão favorita, e resam as chronicas que era um caçador tão dextro que alcançava uma lebre na carreira e que matava um javali com um murro.

Existe ainda perto de Terwieren uma capella, nas paredes da qual suspendeu mais d'uma vez a sua colossal trompa de caça.

Mais tarde, Huberto casou com Floribanda, filha de Dagoberto, conde de Louvain.

O amor foi vencido pela caça, e Huberto continuou caçando todo o dia nos frondosos bosques.

Chegou a tal ponto a sua paixão que lhe sacrificou os dias santificados, esquecendo-se das orações e de assistir aos officios divinos.

Tinha um lebreu favorito, chamado *Souillard*. Um poeta d'aquelle tempo fez-lhe

o epitafio em verso encarecendo os seus meritos e qualidades.

Je suis souillard le blond et beau chien courant
 J'ai creu, craint et aimé sur tous autres, mon maitre,
 Autant que fist une chien ne est possible d'estre;
 Maints plaisirs lui ay faict en plusieurs grands deffaux
 Ou il c'estait trouvé par phiyes et par grand chaulx.

Segundo um biographo, este cão teve vinte e dois filhos que caçavam maravilhosamente aos veados.

Huberto caçava, aos trinta annos, com um magnifico e apparatuso trem de caça, quando se deu o milagre que as chronicas contemporaneas contam.

Na sexta feira santa de 683, Huberto andava á caça no bosque de Ardennes, como o ultimo dos pagãos. A sua matilha levantou um enorme veado de dez galhos. No momento em que Huberto tocava o Alhali, o veado voltou-se de repente e parou.

Então, Huberto viu entre as hastes do veado uma cruz luminosa. Os cães deitaram-se mansamente no chão e o cavallo, em que Huberto montava encabritou-se, recusando-se a avançar.

Dizem tambem as chronicas que o caçador ouviu uma voz mysteriosa que exclamava:

— Huberto! Huberto! Até quando perseguirás sem treguas nem descanso os animaes nos bosques? Até quando a paixão da caça te fará esquecer da salvação da tua alma? Ignoras por ventura que a tua missão na terra é conhecer e amar o creador e attender ao céo? . . . Se te não convertes, serás, sem remissão, precipitado nos infernos!

Em presença de semelhante maravilha, o caçador tocado da divina graça, saltou do cavallo e prostrando-se em terra exclamou:— Senhor! que queiréis que faça! —a voz, que acabava de ouvir, respondeu-lhe: Dirige-te a S. Lambert e elle te fará conhecer a minha vontade.

O veado desapareceu repentinamente. Huberto, seguindo os conselhos da voz mysteriosa, foi ter com S. Lambert, na companhia do qual passou muitos dias.

O desejo de Huberto era abandonar immediatamente o mundo, mas o santo prelado lembrou-lhe que tinha mulher a quem abandonára para se entregar aos prazeres venatorios.

Floribanda, mulher de Huberto, morreu em 685, dando á luz um filho que se chamou Floriberto. Seu pae, então já duque de Aquitania, cedendo os seus direitos a seu irmão Eudón e confiando-lhe seu filho, abandonou definitivamente o mundo e fixou o seu retiro a pouca distancia do convento de Audage, situado no grande bosque d'Ardennes, theatro das suas principaes emprezas venatorias.

O chronista Adolpho Happat, monge da abbadia de Santo Huberto e que, em 1835, escreveu a vida do patrono dos caçadores, explica como foi construido o convento de Audage.

Existia no meio do bosque de Ardennes,

perto d'uma via ou caminho romano, um castello chamado *Ambras*, principal solar do senhorio de Amberloux. S. Maternes, bispo de Tougres, tinha mandado construir ali uma egreja dedicada a S. Pedro.

Os Hunos, ao saquear as Gallias, arrasaram este castello juntamente com a egreja, e durante 237 annos só ali houve ruinas.

Plectrude, mulher de Pepino de Heristal passou um dia por aquelles sitios, indo de visita ao seu dominio de Amberloux.

A fadiga e o calor do verão obrigaram a nobre senhora a parar ali com o seu sequito para descansar um pouco no vasto prado que se estendia, a um dos lados da faldá da collina. Depois de comerem, as pessoas do sequito adormeceram profundamente emquanto os cavallos pastavam no prado até ao bosque proximo. Plectrude dirigiu-se sósinha para este lado e sentou-se n'um monte de pedras. Então, oh milagre! viu cair do ceu um bilhete escripto com letras d'ouro, que apanhou maravilhada e sobresaltada, e deu ordem para retroceder sem revelar a ninguem o seu segredo.

De volta ao palacio, entregou o bilhete a Pepino, contando-lhe minuciosamente aquelle extranho acontecimento e Pepino pediu ao seu capellão Berégise que lhe explicasse o phenomeno d'aquelle bilhete.

O sacerdote respondeu que o logar, em que o bilhete cahira, tinha sido escolhido por Deus para alcançar a salvação de um grande povo e que estava resolvido a abandonar o mundo e dirigir-se áquelles sitios para fundar um convento. Pepino consentiu e poucos annos depois levantaram-se as sagradas paredes, ao scio das quaes retirou santo Huberto.

Dizem os biographos de santo Huberto que o monge, mais de uma vez, teve violentos desejos de voltar a entregar-se aos exercicios venatorios. Foi n'uma d'essas occasiões que se dirigiu a Roma e ahi foi sagrado, pelo papa, bispo de Tougres, em substituição de S. Lambert, que tinha sido assassinado.

Santo Huberto, cujo episcopado durou trinta annos, morreu em 727.

Pelas suas virtudes e milagres, que fez, a egreja tem santo Huberto como um dos seus santos.

O dia 3 de novembro é o fixado para a celebração da festa do santo, que tem hoje um culto universal.

O corpo de Huberto, sepultado em Liège, foi trasladado para o convento de Audage que mudou de nome para santo Huberto.

A povoação edificada perto do convento, cresceu consideravelmente. As feiras e mercados estabeleceram-se regularmente e o villorio converteu-se n'uma pequena cidade.

Muitos senhores d'aquelle tempo escolheram o convento de santo Huberto para lhe confiarem os seus restos e assim se explica o sem numero de ricos donativos,

direitos e primicias de caça e pesca que concederam aos seus monges. Não foram sómente famílias, mas provincias inteiras que se pozeram sob a egide e protecção de santo Huberto e se comprometteram a pagar uma renda annual á igreja. As companhias de archeiros tomaram aquelle santo por patrono.

O convento prosperou até 1096, epocha em que o principe bispo de Liège, Alberto de Brandebourg, perseguiu os frades, tirando-lhe todos os objectos religiosos e ricos presentes que tinham sido feitos á igreja por Louis Le Debonnaire e outros grandes senhores.

(Continúa.)

NEMROD.

Duas caçadas feitas por El-Rei D. José

Amabilidade de um amigo devemos o poder publicar a descripção de duas caçadas, feitas por El-Rei D. José em Salvaterra de Magos, em 1786.

A descripção está publicada no livro *Luz de liberal e nobre arte de cavallaria, offerecida ao sr. D. João, Principe do Brazil, por Manoel Carlos de Andrade, picador da picaria real de sua Magestade fidelissima.*

Modo pelo qual o Senhor Rei D. José I hia ás caçadas (Luz de liberal, e nobre arte da cavallaria Livro X pag. 448 e segg.)

Costumava Sua Magestade ir á caça, tanto de ocação, como volátil, com magnificencia verdadeiramente Real; eu vi no dia vinte e um de Janeiro de 1786 pôr tudo em ordem para ir á caça pela maneira seguinte.

Pelas tres horas da noite alguns tamboures tocarão a alvorada por todas as ruas de Salvaterra de Magos; e segundo era costume, se forão levantando, e partindo para o mato os Batidores, os Caçadores, os Moços de monte, os Emprazadores, e outros muitos criados de Sua Magestade empregados nas caçadas. De sorte que no tempo, em que a noite se despedia das estrellas, e a formosa Aurora em seu rosado carro começava a deixar ver que o Sol seguindo-o cuidadoso mostrava á vista na belleza rustica, e simples das montanhas hum dia gracioso e plausível, então eu vi entrar aquella numerosa comitiva, a quem o Monteiro Mór deu as ordens para se dispôr um cerco regular á primeira mata do Bilrete.

Distribuida a ordem por vinte e dous Emprazadores, por quatorze Guias das alas, por vinte e oito Moços do monte, por trinta e sete Couteiros, e por vinte e seis caçadores, se principiarão a pôr em ordem oitocentos e sessenta Batidores, os quaes se forão dividindo em duas alas, que principiarão a circumdar em torno a referida mata; e sendo tudo assim disposto, forão todos aquelles homens rompendo a espessura dos emaranhados arbustos, e azinhas, de sorte que se hião dando as mãos uns aos outros, e as feras de diversas especies timoratas se conduzão fugitivas, e espavoridas para o centro d'aquella mata.

Apenas se principiou a pôr toda a gente em boa ordem, principiou a chegar a comitiva de Sua Magestade. Primeiramente dezoito Picadores, servidos de outros tantos moços de Cavallaria: após elles setenta e oito Cavallos á mão, os primeiros dezoito conduzidos por moços de estribei-

ra, e os mais por outros tantos moços de Cavallaria.

Depois chegarão ao mesmo sitio Suas Magestades o Senhor D. José I., e a Senhora D. Marianna Victoria, ambos em huma sege de campo, e logo pelo mesmo modo chegou tambem Sua Alteza o Senhor Infante D. Pedro, irmão de El-Rei, com o seu Camarista D. Vasco da Camara: seguia-se logo o Conde Reinante de Lalippe com o Principe de Mequelemburg, irmão da Rainha de Grã Bretanha, ambos em outra sege: depois dous Camaristas de Suas Magestades com muitas outras grandes Personagens, a quem seguiam muitos criados com cavallos á mão, os quaes fazião huma vária, mas agradável perspectiva.

Depois chegou o Excellentissimo Marquez de Marialva, Estribeiro Mór, e seus filhos o Excellentissimo Marquez de Marialva D. Diogo, o Excellentissimo Marquez de Tancos D. Antonio, o Excellentissimo D. José Thomaz de Menezes, e o Excellentissimo D. Rodrigo de Menezes. Após elles vinha o Marquez de Angeja, e seu filho o conde de Villaverde, e outros muitos Fidalgos, até que Suas Magestades montarão a cavallo; e seguidos de muitos Personagens, forão para as portas da atalhada por onde havia de sahir a caça.

El-Rei ficou na primeira porta da direita acompanhado do Conde de Lalippe, do Principe de Mequelemburg, do Marquez d'Alvito, Marechal General, Aio de Sua Magestade, do Conde, Barão d'Alvito, do Marquez d'Angeja, do Marquez das Minas, e varios outros Fidalgos, de quatro criados particulares, e seis carregadores, que apromptarão as espingardas com que Sua Magestade atirava, porque o Conde de Lalippe, e o Principe de Mequelemburg, não quizerão atirar.

Na segunda porta estava a Rainha acompanhada do Excellentissimo Marquez D. Pedro Estribeiro Mór, do Senhor D. João da Bemposta, do Conde de Val de Reis, dos Filhos do Excellentissimo Marquez de Marialva, e outros muitos Fidalgos com seis carregadores.

Na terceira porta estava Sua Alteza o Senhor Infante D. Pedro, irmão d'El-Rei, ao qual acompanharão o Conde da Ponte, seu Gentil-Homem, e seu Estribeiro Mór, o Excellentissimo D. Pedro da Camara, o Conde de Aveiras, o Conde da Atalaia, e outros muitos Fidalgos, tres criados particulares, e cinco carregadores.

Batida assim a moita, a que se chama caçar de porta franca, sahirão d'ella muitos Veados, Cervas, Vareiros, Biques, Gamos, e Javalins de hum, e de outro sexo, e assim tambem muitas raposas, e outras feras, em que Suas Magestades, Sua Alteza, e o Marquez de Marialva D. Pedro fizeram grande mortandade, porque todos atiravão insigneemente.

Depois mandou Sua Magestade fazer uma calçada, em que se dispoz a gente da batida pelo mesmo modo, indo-se fechar o cerco em hum sitio, em que havia huma grande planicie com o mato curto, no qual, depois de fecho o circulo, entrarão Suas Magestades, Suas Altezas, e todos os Grandes, como tambem os Picadores para correr as feras, de que havia dentro n'elle grande cópia; e quando sahia alguma para fóra da ala era seguida pelos Picadores, de sorte que sempre Suas Magestades, ou Sua Alteza as matavão, posto que ellas se derramassem, fugindo pelos mais espessos matos.

Cada huma das Pessoas Reaes tinha um guia práctico do Paiz, que a guiava pelo melhor caminho, a fim de não lhe acon-

tecer algum perigo; mas a Rainha era tão efficaz, que muitas vezes deixava o guia, só para seguir a caça.

Os Cavallos, que servião para correr no mato, erão chapeados, isto he, mettiase-lhes entre as ferraduras, e as palmas humas chapas de ferro delgadas para não alcançarem entrepes. Tambem os arreação de peitoral do mato, e mangas, com as quaes vestião os braços dos cavallos, afivelando-lhes as correas dos lados nas fivellas d'elles, e as duas corréas de cima de cada manga, huma a prisão do peitoral, e a outra passada por entre o peitoral do mato, e o peito do cavallo se hia afivelar na fivela, — finalmente as çapatilhas se afivelavão duas nas mãos e duas nos pés, a fim de lhes servirem de resguardo aos machinhos e quartelas.

O Marquez Estribeiro Mór corria os javalis com hum pampillo, e tambem os Picadores até que Suas Magestades chegassem para lhes atirar. N'estas calçadas corrião muitos Fidalgos, e outros bons Cavalleiros, de sorte que divididos em tres ranchos, hum se chamava de El-Rei, outro da Rainha, e outro do Infante, e todos por competencia fazião muitas gentilezas, como atropellar os javalis, voltallos na carreira, e muitas vezes se elles se atoavam, os cavalleiros pondo-se a pé, lhes pegavão com tanta facilidade, que o Conde de Lalippe, e o Principe de Mequelemburg se admiravão de os vêr, como tambem da boa ordem com que El-Rei, Rainha, e Sua Alteza montavão, corrião e atiravão, etc. Baterão-se n'este dia tres moitas, e fizeram-se duas calçadas, nas quaes morreram cincoenta e sete rezes.

(Continúa.)

CARREIRA DE TIRO

No domingo, 18, por ordem superior, não houve exercicio de tiro, para a classe civil, na carreira de Pedrouços, em attenção á solemnidade do dia.

A FORTIFICAÇÃO IMPROVISADA

E O TIRO MODERNO

(Continuado do n.º 85.)

Disposições das trincheiras d'infanteria sobre o campo de batalha

ESTABELECIDO o principio de se dar uma pá portatil a cada homem da segunda fileira, vamos a vêr a maneira pratica de se proceder ao traçado e execução das trincheiras de batalha, sem esquecermos os principios geraes determinados por Brialmont, bem como as instrucções que mais ou menos se teem seguido a nossa escola pratica de fortificação, e que em nosso modo de vêr já deviam figurar no manual do sapador de infanteria.

Passemos á generalidade.

Chegados os pelotões que se hão de entrincheirar proximo do local designado, e depois de formados em linha, se fazem avançar os homens da segunda fileira, munidos com a pá, até quatro ou cinco passos a retaguarda do logar em que se deve estabelecer o traçado, fazendo-os separar entre si de modo que fiquem com 0.^m75 de intervallo, pelo menos; em seguida elles darão meia volta, arrearão as mochilas e collocarão as espingardas no

solo; depois volverão a frente para o lado em que têm de trabalhar.

Durante este tempo, alguns homens em excesso irão traçando o bordo interior da trincheira, e logo que elle se ache traçado, se mandam avançar os trabalhadores, marcando desde logo cada um d'elles o bordo exterior, com a propria pá, começando em seguida a removerem a terra, cavando verticalmente a 0,^m40 e lançando-a para a frente a 0,^m30 do bordo interior.

Considera-se como bordo interior aquelle que fica para o lado da massa cobridora, e como bordo exterior o que depois marca a largura da trincheira ou zona d'onde tem de sahir a terra que ha-de formar o parapeito.»

A largura da trincheira é determinada segundo o perfil porque se deve começar.

Quando a trincheira tenha profundidade necessaria, sobre toda a largura, os homens endireitam o talude, limpam a berma e aplainam o parapeito, para que haja em toda a extensão uma altura regular, para todos os atiradores.

Os officiaes e os sargentos vigiam a collocação dos homens, fazem traçar o bordo interior e dirigem a acção do trabalho, de modo que haja regularidade e rapidez em todo elle.

Se o trabalho tem de ser executado na presença do inimigo, os trabalhadores cingem-se o mais possível a logo obterem um abrigo que se produza em um espaço de tempo comprehendido entre 20^m a 30^m, e os homens da primeira fileira estendem em atiradores na frente afim de protegerem os trabalhadores.

Se o inimigo não está proximo e ha tempo para dar maior desenvolvimento á trincheira, obtido um perfil capaz ou proximo de abrigar os atiradores, os homens da primeira fileira irão render os da segunda. Para tal fim, irão collocar-se a quatro ou cinco passos á retaguarda da linha de armas e mochilas dos que estão trabalhando, dão tambem meia volta, arceiam as mochilas e depõem as espingardas no solo, como fizeram os da segunda fileira, voltam á frente, e á respectiva voz vão substituir os trabalhadores, que por seu turno vão occupar o seu logar na fileira) depois de baterem com as pás as terras do parapeito para darem a este maior resistencia, deixando-as no logar em que cavavam.

Quando haja pressa de atacar a terra, depois de os homens estarem alinhados e com as respectivas distancias, se ordena que os que tem os numeros pares, dêem um passo á retaguarda, trabalhando assim todos sem que se embarquem.

Foi assim que os russos construíram as suas trincheiras na ultima guerra do Oriente, em face do mesmo inimigo.

Eis o que a tal respeito diz o tenente coronel Kourapatkine:

«Logo que cada companhia chegava ao logar que lhe era destinado, destacava para a frente duas emboscadas de atiradores, cuja distancia variava em razão da proximidade do inimigo. A 100 ou 200 passos das companhias as emboscadas formavam uma cadeia que servia para proteger os trabalhadores. Em cada companhia designada para cavar as trincheiras, os homens munidos de pás, se collocavam em uma fileira á retaguarda do logar aonde deviam levantar a trincheira, alinhavam-se, faziam meia volta e collocavam suas espingardas deante de si com a coronha para o lado do inimigo, e, a uma ordem dada em voz baixa, voltam-se para a campanha, e cada um cavava sobre o

alinhamento dos pés, um pequeno rego, que se reunia com os dos visinhos, marcando assim o talude do revez. Em seguida todos se alinhavam e dando 4 ou 6 passos para a frente, segundo a largura que deveria ter a trincheira, abriam novo rego paralelo ao primeiro, o qual marcava o limite da berma; collocavam-se logo no centro dos seus talhões, e dispondo-se em forma de xadrez, vigorosamente cavavam.

«Estes trabalhos começavam habitualmente ao cair da tarde, debaixo de um silencio tão rigoroso que a 300 passos de distancia se não notava a sua presença.

.....
Passemos agora a especialisar, com a companhia de infantaria tal como está organizada entre nós.

N'esta hypothese ella se conduz ao logar aonde se quer construir a trincheira, formando em linha n'uma direcção paralela á da trincheira a executar, a 8 ou 10 passos á retaguarda.

Immediatamente será nomeada a reserva, que tem por fim reforçar o trabalho aonde se carecer, o cortar as arvores e matto, substituir os feridos, e outros serviços eventuaes, além de destacar para a frente a força necessaria para o serviço de segurança que houver a desempenhar, desde sentinellas e simples vedetas avançadas até uma linha de atiradores que cubra o trabalho.

(Continua).

MIGUEL GARCIA.
CAPITÃO D'INFANTARIA.

Associação dos Caçadores Portuguezes

A direcção d'esta Associação reuniu nas noutes de 17 e 20 do corrente para tomar conhecimento do expediente e resolver sobre diversos assumptos pendentes.

Officiou aos administradores dos concelhos de Alcaçer do Sal, Santarem, Rio Maior e Agueda.

Foi presente um officio do sr. conde de Villa Real, digno governador civil do districto de Villa Real, adherindo ao movimento da Associação e pedindo esclarecimentos. No mesmo sentido officiou o sr. dr. Mesquita e Castro governador civil do districto de Castello Branco.

A direcção agradece ao sr. Luiz M. Tavares o offerecimento dos seus trabalhos.

Deliberou convidar todos os clubs e associações congêneres para a batida á repouso e igualmente enviou tres cartões á Associação Protectora da Caça em Tempo Defezido e ás redacções dos jornaes.

Ficou resolvido definitivamente o arrendamento da casa para a séde da associação, do que ficou encarregado o sr. dr. Paulo Cancellia, a quem os corpos gerentes estão summamente gratos pela boa vontade e generosidade que o mesmo senhor tem desenvolvido em todos os assumptos que se relacionam com a prosperidade e engrandecimento da associação.

A direcção manifestou-se sentida pelo desastre, acontecido ao seu collega Manoel Figueira Freire da Camara e fez votos pelo seu restabelecimento.

Socios admittidos

Os srs. José Joaquim Moreira, Hemeterio Herculano de Barros e Vasconcellos, Luiz Lampreia, Barão d'Almeirim, Felipe Aragó Minuto, Jorge Cordeiro da Silva, José dos Santos Jorge, Victor de Portugal, Julio Maximo Pereira da Silva, José Gomes de Souza Leal, Salvador Augusto de Brito, Jacintho da Cunha Parreira, Francisco Julio da Silveira Pinto, J. P. Castanheira das Neves, Isidoro José Vicente Junior.

O DEFEZO

N'ESTA secção temos protestado sempre contra os abusos praticados no tempo *defezido*, e n'ella continuamos a trans-

crever as noticias que nos forem enviadas.

Lembramos, porém, que não publicaremos noticias que não venham assignadas, embora o nome do auctor não seja publicado, quando isso nos fôr recommendado; a quem não inspirarmos confiança, tem um meio facil, é não se dirigirem a nós.

De um nosso dedicado amigo e assignante de Chaves, recebemos uma carta da qual destacamos os seguintes periodos:

Tenho lido com interesse o jornal *O Tiro Civil* no que respeita á caça e ao defezo, e o que eu posso afirmar ao meu bom amigo é que as codornizes aqui nunca emigram, ha-as todo o anno, de verão nas veigas e no inverno nas encostas ao pé de ribeiros e mettidas no matto. Em Dezembro e Janeiro ultimos eu matei n'um dia tres codornizes e n'outro uma, indo eu á caça dos coelhos, ellas estavam n'um giestal. Agora já cantam nos canteiros. O defezo deve ser para toda a caça, perdizes, codornizes, coelhos e lebres, e para as demais aves, porque no sitio onde andam as codornizes, andam lebres e coelhos, e os cães destroem tudo. Aqui é defezo para tudo desde 1 de Março até 15 de Agosto; é muito bem entendido.

J. de S. B.

Recebemos tambem esta outra carta a que damos publicidade.

... Sr.

Tenho a honra de me dirigir a v. para lhe fazer sciente d'um caso bastante censuravel. Foram vistos no dia 8 do corrente, seis caçadores com cães, a caçarem na Serra de Carnaxide, e lados d'Alfraxide; estes figurões são dos lados de Casellas, Portella e Torella; dois de Queluz, andaram a caçar proximo á Mattinha; o tiroeteo era de tal ordem, que parecia um exercicio de infantaria. As perdizes por estes sitios eram abundantes, mas têm escasseado, devido a estes e outros abusos; basta estes figurões para acabarem com as poucas que existem, pois caçam todo o anno, e em todo o tempo; ha tal que no dia 15 d'Agosto já tem morto trinta e tantas perdizes; são tantos os que estragam por estes sitios, que é impossivel poder-se mencionar os nomes d'elles, mas qualquer sabe quem elles são.

Os abusos n'estes sitios são de ha muitos annos; a liberdade para elles é tanta e de tal ordem que nem licença precisam para caçar! Não têm quem lhes exija a responsabilidade, outro tanto não acontece aos caçadores de Lisboa, não podem entrar nem sahir da cidade, sem andarem munidos das suas respectivas licenças.

Tambem é possível que alguns d'aquelles sejam auctoridades da terra, taes como cabos dos districtos, etc.; para estes destruidores e outros identicos, não só de aqui como d'outros locais, pedimos que as dignas auctoridades façam respeitar a lei do defezo.

Findo esta já tão longa, rogo a fineza de tomar em consideração como julgar conveniente, os factos por mim apontados.

De v. etc.

Lisboa, 17-4-97.

J. B. F.

Para estes cazos, infelizmente tão vulgares, chamamos a attenção das direcções das duas associações de *Caçadores Portuguezes* e *Protectora da Caça em Tempo Defezido* que pelos meios que os seus estatutos lhes permittam e pela boa vontade de que estão possuidas, é de esperar que muito consigam; ás auctoridades estamos nós fartos de bradar, mas se é preciso, mais uma vez erguemos a voz, pedindo que se cumpra a lei.

No logar da Volta, concelho de Alcaçer do Sal, um tal Joaquim Cobiça, faz uso de armadilhas na apanha de coelhos.

Sabemos que a Associação dos Caçadores Portuguezes já providenciou para evitar este abuso.

Os caçadores da Chamusca, Gollegã, Cartaxo e Santarem tem pedido ás camaras municipaes dos respectivos concelhos para que lhes seja permittido caçar as codornizes na entrada e não tem sido attendidos.

Apresentam como fundamento da sua petição, a egualdade de circumstancias e de direitos que têm para com os caçadores de Lisboa e Villa Franca.

Do nosso collega *Correio de Cintra*:

«Proseguem as transgressões das leis sobre a caça a despeito da propaganda na imprensa e das instancias ás auctoridades para que cumpram o seu dever.

A pretexto de caçar a codorniz, os barbaros sem consciencia e sem criterio vão destruindo outras especies.

O nosso estimado collega *O Tiro Civil* abriu um plebiscito sobre se a codorniz deve ou não ser caçada no tempo defezo. E' um bom servico prestado aos amadores, e ao qual desde já adherimos, inscrevendo-nos na negativa.»

A segunda parte d'esta noticia não é exata.

Do nosso collega *O Seculo*, de domingo, 18:

«Apesar das reclamações continuamente feitas a todas as auctoridades, em Caneças um individuo de nome Malvas continua armando ratoeiros e ainda hontem apanhou tres coelhos. Com visto ao sr. administrador de Loures.

Em Lagos o sr. administrador do concelho tem tomado as mais rigorosas prevenções para que seja respeitado o tempo de defezo.»

Do nosso collega *Diario de Noticias*:

«Sabemos, por indicação que nos foi dada por um nosso amigo de Cezimbra, que as auctoridades administrativas d'este concelho vão tomar energicas providencias para que o defezo seja ali rigorosamente respeitado.

Lembramos principalmente as terras de Aycna, Cabo de Espichel, Agaias e Aguncheiras, que são aquellas onde mais vulgarmente se encontram de passo a passo armadilhas e ratoeiros para perdizes e coelhos.

Deus queira que isto não seja só projectos, para vêr se n'aquelle concelho acabam por uma vez os malditos *cevadouras*!

— Perto de Pombal andava ha dias um caçador atirando ás perdizes.

Pedimos providencias ás auctoridades respectivas.»

Do nosso collega *O Paiz*:

«José Antonio Viegas, morador na rua dos Correios, n.º 79, 4.º andar, andava hontem nas terras de Valle Pereiro, no meio de uma ceara de trigo, caçando as codornizes por meio de rede e reclamo, o que é prohibido, damnificando em parte o trigo.

O dono da ceara queixou-se á policia, que prendeu o caçador, enviando-o a juizo.»

Fez o proprietario muito bem e a policia cumpriu o seu dever enviando-o para juizo; vamos a vêr se o processo tambem é abafado, como tem acontecido a outros, e se o sr. Viegas se regenera, indo enfileirar-se nas hostes dos que mais pugnam pelo cumprimento da lei; será mais uma conquista... teem-se feito tantas.

ANSELMO DE SOUZA.

Escola Nacional de Esgrima

O distincto professor de esgrima o sr. Antonio Martins, abriu, na rua do Alecrim n.º 69 rez do chão, uma sala d'armas, a que deu o titulo de *Escola Nacional de Esgrima*.

Os horarios e preços são para os socios inscriptos: das 8 e meia ás 11 da noite, ás segundas, quartas e sextas feiras; e das 4 ás 6 e meias da tarde, ás terças, quintas e sabbados.

Além d'estas realizar-se-hão lições especies a 18\$000 réis a duzia até ás 4 horas da tarde, a 12\$000 réis das 4 ás 6 e a 6\$000 réis das 8 e meia ás 11 da noite.

Os socios teem abatimento de 25 por cento quando derem tres lições especies por semana e de 50 por cento quando as lições forem diarias.

A escola está aberta todos os dias das 6 horas da manhã ás 11 da noite nos

mezes de Abril a Agosto das 8 da manhã ás 12 da noite, nos mezes restantes.

Propagandistas da educação physica a par da educação intellectual felicitamos o distincto professor e a cauza que á tres annos defendemos pela abertura da *Escola Nacional de esgrima*, fazendo votos pelas suas prosperidades, como meios de regeneração da nossa raça, infelizmente tão abatida, e cada vez mais distanciada da rara energia e feitos heroicos que em outras eras encheram o mundo.

BATIDA Á RAPOSA

A batida organizada pela *Associação dos Caçadores Portuguezes* realiza-se no proximo domingo 25 do corrente. Os pedidos de inscripção devem ser dirigidos ao secretario da direcção para a rua de S. Paulo 216, 3.º. Preço do bilhete 1\$200; para os socios da provincia 500 réis.

REGULAMENTO

Art. 1.º — No interesse commum e para segurança propria, ninguem deve desviar-se da posição ou linha que lhe fôr designada pelo director da batida.

Art. 2.º — E' absolutamente prohibido o tiro á bala.

Art. 3.º — E' apenas permittido atirar ás raposas e a qualquer outro animal ou ave considerada damninha para a caça.

Art. 4.º — Os cartuxos serão carregados com chumbo ordinario n.º 2.

Art. 5.º — Não é permittido levar cães.

Art. 6.º — O socio que transgredir o disposto em qualquer dos artigos anteriores pagará de multa 2\$000 réis, ficando sujeito a procedimento ulterior da direcção se fôr reclamado pelo director da batida.

Art. 7.º — Todos os individuos que tomam parte na batida são obrigados a respeitar e fazer respeitar as determinações do director.

Lisboa, 25 de Abril de 1897.

O director da batida O secretario da direcção
Paulo Cancellia Henrique Anachoreta

Club dos Caçadores do Porto

PRESEDIDA pelo sr. Emygdio Teixeira Duarte, que foi auxiliado pelos respectivos secretarios, srs. José Dias Alves Pimenta e José Teixeira Pinto de Figueiredo, reuniu no sabbado á noite 17 do corrente, em numero de cento e tantos associados, a assembléa geral d'este club, sustentando, até altas horas, discussões acaloradas sobre alguns capitulos do Relatorio e outros assumptos d'interesse cynegético, ficando ainda alguns, por falta de tempo, para serem tratados em outra assembléa que se realizará por estes dias.

Entre estes figura um de importancia transcendente: trata dos concursos officias de tiro a chumbo e á bala e d'um torneio nacional ou internacional, que deverá realizar-se d'anno em anno, com premios pecuniarios e commemorativos, além dos que o Club, costuma conferir.

A assembléa deliberou que a circular sobre o defezo, a que allude o Relatorio, seja distribuida com a maxima brevidade a todas as auctoridades, corporações e individuos a que a mesma se refere, circular que é do theor seguinte:

III.º e Ex.º Sr.

A epocha da permissão da caça terminou, como V. Ex.ª sábe no dia 28 de fevereiro; estamos, pois, no periodo do defezo, em que os transgressores das leis que o regem commettem, por toda a parte, as maiores barbaridades caçando como se a caça fosse ainda permittida, e destruindo ovos, ninhos e ninhadas. Com isso ninguem se importa nas aldeias, a não ser um ou outro caçador dos verdadeiros, uma ou outra auctoridade.

Entre nós é rarissima a caça indigena e essa pouca acabará por desaparecer inteiramente se V. Ex.ª lhe não dispensar a sua valiosa protecção.

Abstemo-nos de fazer largas considerações a este respeito; V. Ex.ª conhece, como nós, o abandono a que estão votadas as leis venatorias do paiz e os seus regulamentos; é, pois, na intenção de as levantar d'esse abandono, afim de que a caça augmente em vez de se extinguir, que esta assembléa, reunida em... d'abril do

anno que decorre, implora a protecção de V. Ex.ª em favor da referida lei, pelo que desde já lhe significa a sua perpetua gratidão.

Deus guarde a V. Ex.ª — Porto, etc.
III.º e Ex.º Sr. ...

PELA ASSEMBLÉA GERAL,

O presidente

Procedendo-se por ultimo, á eleição, deu esta o resultado que vae vêr-se:

Direcção — Presidente, dr. Jayme Ribeiro da Silva; vice presidente, João Henrique Andresen; 1.º secretario, A. Baptista de Sá; 2.º dito, Edmundo Maia Campos Silva; thesoureiro, Albino Guimarães; vogaes, Antonio da Silva, Antonio José dos Santos, Jacintho Moreira de Mattos, José Dias Alves Pimenta, Manuel José da Costa Arantes e dr. Pedro José Ferreira. Assembléa Geral — Presidente, Egdio Teixeira Duarte; vice-presidente, Antonio de Padua Ferreira Muaze; 1.º secretario, Carlos d'Azevedo Albuquerque; 2.º dito, José Teixeira Pinto de Figueiredo. Commissão de contas — Ernesto Viana, Heitor Antunes e Simeão Pinto de Mesquita.

A Escola de Tiro deve abrir no dia 25, sem pompa, ficando para mais tarde a singela festa do costume.

Enviarei notas detalhadas dos torneios que se vão realizar.

Porto, abril 20-97.

B. DE SÁ

O que é um Field-Trial

No concurso entre *Chablais*, *Dick* e *Nero*, o ultimo pára-se com um casal e deita-se corretamente á partida das aves, ao passo que *Dick* não respeita e passa adeante.

Crust e *Tom* trabalham em seguida. *Crust* dá n'um casal sem o presentir, passa outro e affasta-se. *Tom* faz levantar um casal, deita-se á partida das perdizes e passa duas aves sem dar mostra. O perdigueiro inglez (*pointer*) mostrou no entanto nas provas precedentes ter melhores qualidades que o setter.

Terminadas estas duas provas de experiencia o jury chama os tres cães seguintes, que vão disputar os premios, *Nero*, *Tam-Tam* e *Grace*.

Nero pára-se duas vezes successivamente no rasto de uma lebre, *Tam-Tam* respeita. No entanto, por ciume ou enthusiasmo, o setter passa avante e terminam os dois cães por se parar conjuntamente um casal de perdizes.

Entram em competencia finalmente *Grace* e *Nero*. *Nero* pára-se em falso, e pára-se depois sobre um casal de perdizes; *Grace* secunda admiravelmente ambas as vezes.

O jury conferiu o

1.º premio a *Grace*;

2.º premio a *Nero*;

3.º premio a *Tam-Tam*;

E a menção honrosa a *Kissing Crust*.

(Continúa).

H. OLAVRAC.

HYDROPHOBIA

No lugar de Famacião, concelho de Anadia, um cão atacado de *raiva* mordeu 9 pessoas.

E' urgente que as leis sobre cães, se cumpra, por isso que evitando enormes desgraças, aproveita a todos os que teem cães e aos que os não teem.

Editor responsavel — Manuel Augusto Pinto

A LIBERAL — Officina typographica